
ARISTÓTELES
O TRATADO DO INFINITO (FÍSICA III, 4-8)

Arlene Reis, Fernando Coelho e Luís Felipe Bellintani Ribeiro

Tradução a partir da edição do texto grego: *Aristotelis Physica. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. Ross.* Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1992.

Arlene Reis possui doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é professora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Fernando Coelho possui graduação em Filosofia, em Letras - Francês e mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009).

Luiz Felipe Bellintani Ribeiro possui Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e é professor associado da Universidade Federal Fluminense , Brasil.

4

[202b 30] Visto que a ciência acerca da natureza versa sobre as grandezas, o movimento e o tempo, sendo cada um destes necessariamente ou infinito ou finito, ainda que nem tudo seja infinito ou finito, como a afecção ou o ponto (pois talvez nenhuma destas coisas seja necessariamente ou um ou outro), seria conveniente que [35] aquele que se ocupa da natureza contemplasse o infinito, se existe ou não, e, se existe, o que é. Há um sinal de que é próprio dessa [203a] ciência a contemplação acerca do assunto, pois todos os que parecem ter tocado dignamente tal filosofia compuseram um discurso acerca do infinito, e todos o estabeleceram como um princípio dos entes, alguns dos quais, como os Pitagóricos e Platão, o estabeleceram como um princípio por si mesmo, não como [5] acidente de outra coisa, mas como sendo o próprio infinito uma substância (*ousía*). Salvo que os pitagóricos o colocam nas coisas sensíveis (pois não estabelecem o número como separado) e dizem também ser infinito o que está fora do céu; ao passo que Platão, por considerar não haver nenhum corpo fora do céu, nem tampouco as ideias, [10] porque estas não estão em lugar algum, diz estar o infinito nos sensíveis e nas ideias. E os pitagóricos dizem que o infinito é o par (pois este encerrado e abarcado pelo ímpar, fornece aos entes infinidade, um sinal disto é o que acontece com os números: colocados os gnômones em torno do um e separadamente, ora [15] surge uma forma sempre outra, ora surge uma forma una). Para Platão são dois os infinitos, [16] o grande e o pequeno.

[16] Todos os que tratam da natureza e dão fundamento ao infinito estabelecem [sempre] para ele certa natureza diferente dos chamados elementos, como água ou ar ou o intermediário destes. Pois, dentre os que estabelecem finitos elementos, nenhum os estabelece como infinitos. Quantos, porém, estabelecem os elementos como [20] infinitos, por exemplo, Anaxágoras e Demócrito, aquele a partir das *homeomeria*¹ seste da *panspermia*² das figuras, dizem ser o infinito contínuo pelo contato. E Anaxágoras diz que qualquer uma das partes é uma mistura, semelhante ao todo, por ver que qualquer coisa vem a ser a partir de qualquer coisa. Esta [25] parece, pois, ser a causa de

¹ Literalmente: “(formados) de partes semelhantes”.

² Literalmente: “(mistura) de todas as sementes.

ele dizer que num certo momento todas as coisas estavam juntas, como esta carne e este osso, e deste modo qualquer coisa: e, portanto, todas as coisas, e, por conseguinte, ao mesmo tempo. Há, pois, um princípio da separação não apenas em cada coisa, mas também de todas. Ora, visto que o que vem a ser vem a ser a partir de um corpo quejando, há um vir-a-ser de todas as coisas, salvo que não [30] ao mesmo tempo, e deve haver certo princípio do vir-a-ser, e este é uno, o qual Anaxágoras chama “intelecto”, e o intelecto opera, desde certo princípio, inteligendo, de tal modo que é necessário que, num momento, todas as coisas tenham estado juntas e, em outro, tenham começado a se mover. Demócrito, por sua vez, diz que nenhuma das coisas primeiras vem a ser uma da outra, embora [203b] o corpo comum, ao menos para ele, seja princípio de todas as coisas, diferindo, segundo as partes, pela grandeza e pela figura.

Que, com efeito, é conveniente aos físicos esta contemplação é evidente a partir dessas considerações. E razoavelmente, então, todos colocam o infinito como princípio, [5] pois nem pode ser ele em vão, nem há para ele outra potência senão como princípio. Tudo, pois, ou é princípio ou é a partir de um princípio, e do infinito não há princípio. Se houvesse, esse seria seu limite.³ E, além disso, sendo certo princípio, é não-gerado e incorruptível, pois é necessário que o gerado chegue a um fim (*télos*), e fim (*teleutē*) é próprio de toda corrupção. [10] Por isso, conforme dizemos, não há um princípio deste princípio, mas ele mesmo parece ser princípio das outras coisas, abarcar todas e a todas governar, como dizem quantos não estabelecem além do infinito outras causas, como o intelecto ou a amizade; E este é o divino, pois é imortal e indestrutível, como diz Anaximandro e a maioria [15] dos fisiólogos.

A crença de que o infinito é algo dar-se-ia aos que examinam tal assunto, sobretudo, por cinco motivos: pelo tempo (pois este é infinito), bem como pela divisão que ocorre nas grandezas (pois também os matemáticos lançam mão do infinito); e ainda pelo fato de que somente desse modo geração e corrupção não se esgotam, se for infinito aquilo desde que o que se gera [20] é retirado; além disso, pelo fato de que o limitado sempre faz limite com relação a algo, de modo que é necessário que nada seja

³ O ideal seria traduzir em português o par *ápeiron/ péras* por um par oriundo da mesma raiz, como “ilimitado/ limite”, ou “indeterminado/ determinação” (ou “termo”), ou “infinito/ fim”, mas a opção por “infinito” para *ápeiron*, devido ao seu caráter físico e matemático no presente contexto, e o fato de que a palavra “fim” poderia criar confusão com a tradução de *télos*, acabou ficando “infinito/ limite” mesmo.

o limite⁴, se é necessário que uma coisa sempre faça limite com outra; enfim, sobretudo pelo principal motivo, o qual produz a aporia comum a todos: por não se esgotar o que está no pensamento, o número parece ser infinito [25] assim como as grandezas matemáticas e o que está fora do céu. E sendo infinito o que está fora do céu, parece haver também corpo infinito e mundos infinitos: por que, pois, haveria mais do vazio aqui do que ali? Por conseguinte, se a massa está em um único lugar, está em todo lugar. Por sua vez, se há, ao mesmo tempo, vazio e lugar infinito, há também necessariamente corpo infinito, pois em nada difere [30] “ser admissível” e “ser”, no âmbito das coisas eternas.

[30] De fato, a teoria acerca do infinito comporta aporia. Pois tanto aos que supõem haver o infinito, quanto aos que supõem não haver, advêm muitas impossibilidades. Além disso, de que modo existe o infinito, como substância (*ousía*) ou como acidente por si⁵ de certa natureza? Ou de nenhum desses modos, ainda que não deixe de haver, por isso, algo infinito ou uma pluralidade infinita de coisas? [204a] É próprio, sobretudo do físico examinar se existe uma grandeza sensível infinita. Primeiro, com efeito, é preciso determinar de quantos modos é dito o infinito. De um modo, o impossível de percorrer, porque, por natureza, não se o pode percorrer, como a voz é por natureza invisível. De outro modo, [5] aquilo cujo percurso na direção da fronteira não cessa, quer esse percurso se dê com dificuldade, quer por natureza, mas que não tem fronteira ou limite. Além disso, todo infinito ou é por adição ou por divisão ou pelos dois.

5

Por um lado, não é o caso de ser o infinito separável dos sensíveis, como se fosse algo infinito em si mesmo. Pois, se não for nem grandeza, nem [10] pluralidade, o infinito mesmo será substância (*ousía*) e não acidente, e, como tal, indivisível (pois o divisível ou é grandeza ou é pluralidade). Por outro lado, se for indivisível, não será infinito, se não for como o caso da voz que é invisível. Mas não é assim que dizem ser

⁴ No sentido de “o limite último”.

⁵ O *symbekòs kath’hautó*, apesar de não ser o que define essencialmente a substância, pertence-lhe necessariamente.

os que dizem haver o infinito, nem é assim que o buscamos, mas como o que não pode ser percorrido. Se [15] o infinito fosse por acidente, não seria elemento dos entes, enquanto infinito, como o invisível não é elemento da linguagem, embora a voz seja invisível. Além disso, como seria admissível que o infinito fosse algo por si mesmo, se nem o número nem a grandeza, dos quais o infinito é certa afecção por si mesma, o são? Pois é necessário que ele seja menos que o [20] número e a grandeza. É manifesto também que não é admissível ser o infinito como ente em ato (*enérgeia*), nem como substância (*ousía*) e princípio, pois qualquer parte dele que se tome será infinita, se ele for repartível (pois o mesmo é o ser do infinito e o infinito, se o infinito for substância (*ousía*) e não simplesmente algo que é dito de um sujeito), de modo que ou é indivisível ou é [25] divisível ao infinito. Com efeito, é impossível que o mesmo seja muitas coisas infinitas (mas, como a parte do ar é ar, assim também a parte do infinito seria infinito, se ele fosse substância (*ousía*) e princípio). Logo, ele não é repartível nem divisível. [30] Mas é impossível que o ente em ato (*entelécheia*) seja infinito, pois ele é certa quantidade necessária determinada. Logo, o infinito subsiste por acidente. Mas se é assim, já foi dito que não é admissível dizê-lo ele mesmo princípio, mas aquilo de que é acidente, o ar ou o par. Portanto, os que falam desse modo, como os pitagóricos, revelar-se-iam como os que dizem coisas absurdas, pois ao mesmo tempo fazem do infinito substância [34] e o repartem.

[34] Mas talvez esta seja uma investigação [35] geral, de saber se é admissível haver infinito nas coisas matemáticas [204b] e nas inteligíveis, que não têm nenhuma grandeza. De nossa parte, examinamos a propósito das coisas sensíveis, em torno das quais estabelecemos o método, se nelas há ou não há corpo infinito pelo crescimento. No plano da linguagem sobre a coisa, pareceria aos que examinam a questão [5] não haver, pelo seguinte: ora, se a definição de corpo é “o limitado por uma superfície”, não haveria corpo infinito, nem inteligível, nem sensível (desse modo, tampouco o número, enquanto separado, seria infinito, pois o número ou o que tem número é contável, e, se, com efeito, é admissível contar o contável, [10] seria possível percorrer o infinito). Prosseguindo a contemplação de preferência no plano da natureza da coisa, segue-se: o infinito não é nem composto nem simples. Com efeito, o corpo infinito não será composto, se os elementos forem finitos em quantidade, pois é necessário que eles sejam muitos, que os contrários sempre se equivalham e que nenhum deles seja infinito

(pois, se [15] a potência em um corpo é inferior a de outro em qualquer quantidade, por exemplo, se o fogo é finito e o ar infinito, e igual quantidade de fogo é maior em potência que igual quantidade de água, basta que tenha certo número, mesmo assim é evidente que o infinito ultrapassa e destrói o finito). É impossível que cada um seja infinito, [20] pois corpo é aquilo que tem extensão no seu todo, e infinito é o que se estende ilimitadamente, de modo que o corpo infinito será aquilo que se estendeu por toda [22] parte ao infinito.

[22] Mas não é admissível que um corpo infinito seja um e simples, nem de modo absoluto, nem, como dizem alguns, aquilo que está à parte dos elementos e do qual estes vieram a ser. Há, com efeito, [25] alguns⁶ que fazem disso, e não do ar ou da água, o infinito, a fim de que os outros elementos não sejam destruídos por um dentre eles que seja infinito, pois se opõem uns aos outros, por exemplo, o ar é frio, a água é úmida, o fogo é quente. Se um só destes fosse infinito, os outros já teriam sido destruídos. Dizem, então, haver algo outro, desde o qual estes elementos vêm a ser. [30] Mas é impossível que haja tal, não porque seja infinito (pois, acerca disso, é preciso que se diga algo comum a tudo indistintamente, seja ao ar, à água ou a qualquer outra coisa), mas porque não há tal corpo sensível para além dos chamados elementos. Pois tudo se dissolve naquilo de que vem a ser, de modo que haveria então algo além do ar, do fogo, da [35] terra e da água; mas nada semelhante se mostra. Enfim, não é admissível que o fogo ou qualquer um [205a] dos elementos seja infinito. Pois, de modo geral, independentemente de algum deles ser infinito, é impossível que o todo, ainda que seja finito, seja ou venha a ser apenas um deles, como Heráclito diz que tudo vem a ser, alguma vez, fogo (e o mesmo raciocínio vale [5] também para o um, como o estabelecem os físicos, à parte dos elementos). Pois tudo muda de contrário a contrário, como, por exemplo, do quente [7] ao frio.

[7] Deve-se examinar, de modo geral, a partir do que se segue, se é admissível ou não haver corpo sensível infinito. Que seja inteiramente impossível haver corpo sensível infinito é evidente pelo seguinte. [10] Todo sensível, com efeito, está, por natureza, algures, e há um lugar determinado para cada um; e o mesmo vale para a parte e para o todo, como para a terra toda e para um punhado de terra, para o fogo e para uma centelha, de modo que, se a parte for da mesma espécie, será imóvel ou sempre se

⁶ Os partidários da doutrina de Anaximandro de Mileto.

deslocará. Mas isto é certamente impossível. (Por que, pois, ela se deslocaria para baixo ou para cima ou numa direção qualquer? Digo, [15] por exemplo, se for o caso de um punhado de terra, onde ele será movido ou onde repousará? Com efeito, o lugar do corpo que lhe é homogêneo é infinito. Ocupará ele todo o lugar ou não? E como? Que e onde serão seu repouso e seu movimento? Ou repousará por toda parte? Logo não se moverá. Ou se moverá por toda parte? Logo não repousará.) E, se o [20] todo for dessemelhante, os lugares também serão dessemelhantes. Primeiramente o corpo do todo não será um senão por contato. Em seguida, ou serão finitas em espécie suas partes ou infinitas. Por um lado, não é possível que sejam finitas (pois umas serão infinitas, outras não, se o todo for infinito, por exemplo, o fogo ou a água; e tal será a corrupção dos [25, 29] contrários, [como foi dito antes]). [por isso... o baixo] Se, por outro lado, forem infinitas [30] e simples, tanto os lugares serão infinitos, quanto infinitos serão os elementos. Se isto, porém, é impossível, e finitos são os lugares, também o todo [necessariamente será finito]. Pois é impossível que o corpo e o lugar não se ajustem. Tampouco a totalidade do lugar pode ser maior de quanto o corpo admite ser (ao mesmo tempo, ademais, o corpo não será infinito), nem o corpo pode ser maior do que o lugar, pois, então, ou haverá algum vazio [205b 1, a 25] ou haverá corpo que estivesse nenhures por natureza. <por isso nenhum dos fisiólogos fez do fogo ou da terra o um e infinito, mas sim a água ou o ar ou o intermediário deles, porque é evidente que o lugar de cada um dos dois primeiros é determinado, ao passo que estes últimos oscilam entre o alto e o baixo.>

[205b] Anaxágoras [2] fala absurdamente sobre a permanência do infinito, pois ele diz que o infinito apóia a si próprio, porque está em si mesmo (pois nada outro o contém), como algo que, estando algures, estaria aí em seu lugar natural. [5] Mas isso não é verdade, pois algo poderia estar em algum lugar por violência e não por natureza. Se, com efeito, o todo não se move absolutamente (pois é necessário que o que se apóia em si mesmo e está em si mesmo seja imóvel), é preciso, contudo, dizer por que não se move por natureza. Não basta falar assim para desvencilhar-se da questão. Pois poderia haver algo que não se movesse por não ter outro lugar [10] em que se mover, mas que, por natureza, não fosse impedido por nada de fazê-lo. Ademais, a terra não se desloca, nem se deslocaria ainda que fosse infinita, a menos que afastada do centro, mas não porque não haja outro lugar onde se desloque, mas permanece no centro porque assim é

conforme com sua natureza. E, no entanto, poder-se-ia dizer que ela se apóia em si mesma. Com efeito, ser a terra infinita, não é isto a [15] causa de ela estar sobre si, mas o fato de ter peso, e o pesado permanece no meio, e a terra está no meio, do mesmo modo também o infinito poderia permanecer em si por alguma outra causa, e não por ser infinito e se apoiar em si mesmo. Ao mesmo tempo, é evidente que também qualquer parte deveria permanecer em repouso; pois, assim como o infinito, apoiando a si mesmo, permanece em si, [20] também uma parte qualquer que se tome permanece em si, pois os lugares do todo e da parte são da mesma espécie, como, por exemplo, o lugar da terra toda e de um punhado de terra é embaixo, e o lugar do fogo todo e de uma centelha é em cima. Por conseguinte, se o lugar do infinito é o estar em si mesmo, este é também o lugar da parte, que, portanto, permanece em si mesma. [24]

[24] De um modo geral, é manifestamente impossível dizer que há [25] ao mesmo tempo corpo infinito e algum lugar para os corpos, se todo corpo sensível tem ou peso ou leveza, e se, no caso de ser pesado, tem por natureza o deslocamento em direção ao centro, e no caso de ser leve, para cima. É necessário, então, que o infinito também seja assim; porém, é impossível tanto que ele inteiro padeça de um desses movimentos, quanto metade dele padeça de um e a outra metade, de outro. Como, pois, [30] dividi-lo? Como haveria, do infinito, o em cima e o em baixo, o extremo e o meio? Além disso, todo corpo sensível está em algum lugar, e as espécies e diferenças de lugares são: o em cima, o embaixo, o em frente, o atrás, o a direita e o a esquerda; e estas distinções são feitas não apenas em relação a nós e pela posição, mas também no próprio todo. [35] No entanto, é impossível que elas estejam no infinito. E se, em sentido absoluto, é impossível [206a] haver lugar infinito, e todo corpo está em um lugar, é impossível que haja algum corpo infinito. De fato, o que existe algures está em algum lugar, e o que está em algum lugar existe algures. Se, com efeito, nem como quantidade o infinito é – pois seria certa quantidade, como dois ou três côvados; afinal, isso é o que [5] significa a quantidade – tampouco está em algum lugar, porque neste caso existiria algures, isto é, ou em cima, ou embaixo, ou em alguma outra das seis direções, e cada uma delas é certo limite. Que, com efeito, em ato (*enérgeia*) não há corpo infinito, isso é evidente por estas razões.

6

Todavia, é evidente que, se não houvesse absolutamente o infinito, muitas coisas impossíveis [10] adviriam. Pois, do tempo, haveria algum princípio e fim; e as grandezas não seriam divisíveis em grandeza; e o número não seria infinito. Parece, determinadas as coisas desse modo, que nenhuma dessas possibilidades é admissível; falta um árbitro, pois é evidente que de algum modo o infinito existe, de outro modo, não. E o ser é dito ou em potência ou em ato (*entelékheia*), [15] e, por um lado, há o infinito por adição, e, por outro lado, o infinito por divisão. Já foi dito que a grandeza não é infinita em ato (*enéргеia*), por divisão, é. Pois não é difícil refutar a tese das linhas indivisíveis. Resta, então, que o infinito seja em potência. Não se deve, porém, tomar o ser em potência no mesmo sentido em que se diz que isto é potencialmente uma estátua [20] e que será uma estátua, pois nesse caso também o infinito seria em ato (*enéргеia*). Mas, visto que o ser é de muitos modos, assim como o dia e a competição são por virem a ser sempre outros, assim também o infinito (e, com efeito, daqueles há o ser em potência e em ato (*enéргеia*), pois uma olimpíada é tanto pelo fato de a competição poder [25] vir a ser, quanto por ela vir a ser efetivamente). É evidente, porém, que o infinito é de outro modo, seja no tempo, seja na geração dos homens, bem como na divisão das grandezas. Pois, em geral, o infinito é assim por ser sempre tomado como outro, e o tomado é sempre finito, mas sempre um diferente.

[29a] [Além disso, o ser é dito de múltiplos modos, por conseguinte [30] não se deve tomar o infinito como algum “isto”, como homem ou casa, mas como é dito o dia e a competição, cujo ser não é como certa substância (*ousía*) gerada, mas sempre em geração e corrupção, determinado sim, mas sempre diferente] Mas, enquanto nas grandezas [acontece] de permanecer o que é retirado, [206b] quanto ao tempo e a geração dos homens, eles se corrompem de tal maneira que [3] nada fica para trás.

[3] De certo modo, o infinito por adição é o mesmo que o infinito por divisão; com efeito, no finito, o infinito por adição [5] vem a ser de modo inverso: à medida que o dividido é visto ir ao infinito, o adicionado parece ir na direção do determinado. Pois, no finito em grandeza, se alguém tomar uma porção determinada, e depois tomar outra na mesma proporção⁷, desde que não tome uma grandeza idêntica ao todo, não

⁷ Por exemplo, se tomar a metade e, depois, a metade da metade.

percorrerá o finito. Se, porém, [10] aumentar a proporção, a ponto de sempre tomar uma porção de idêntica grandeza, percorrerá, pelo fato de que todo finito pode ser esgotado por qualquer porção determinada. De fato, o infinito não existe de outro modo, senão em potência e por redução (existe também em ato (*entelékhēia*), como dizemos ser o dia e a competição), e, [15] em potência, assim como a matéria, que não é por si mesma, como o limitado. E o infinito em potência é também por adição, o qual dizemos ser, em certo sentido, o mesmo que o infinito por divisão, pois sempre haverá algo fora para tomar, embora isso não ultrapasse toda grandeza, como, por divisão, se ultrapassa [20] todo determinado e sempre haverá algo menor. Por conseguinte, não é possível ultrapassar tudo por adição, nem em potência, se é verdade que não há, por acidente, infinito em ato (*entelékhēia*), como os fisiólogos dizem haver, ao dizerem que o corpo fora do mundo, cuja essência (*ousía*) é ar ou algo outro que tal, é infinito. Mas se não [25] é possível haver corpo sensível infinito em ato (*entelékhēia*) dessa maneira, é manifesto que tampouco haveria em potência por adição, senão, como foi dito, em sentido inverso, por divisão. Por isso também Platão concebeu dois infinitos, porque parece haver ultrapassagem e extensão ao infinito tanto por aumento quanto por diminuição. [30] Mas, embora ele os tenha concebido, não os utiliza; pois nem o infinito por divisão subsiste nos números (pois a unidade é o mínimo), nem o por aumento (pois concebe o número até a [33] dezena).

[33] Acontece, porém, de ser o infinito o contrário do que dizem. [207a] Não aquilo além do qual nada há, mas aquilo além do qual sempre há algo: isto é o infinito. Um sinal disso é que chamam de infinito os anéis que não têm engaste, porque sempre é possível tomar algo além do que já foi tomado; chamam-nos assim, certamente, não em sentido próprio, mas segundo certa semelhança, [5] pois é preciso que aquela condição se dê, mas também que a parte tomada nunca seja a mesma. No círculo não acontece isso, mas o outro é apenas o seguinte numa seqüência que se repete sempre. Infinito, de fato, é aquilo desde que, segundo a quantidade, sempre se pode tomar algo além do já tomado. Aquilo além do qual nada há é completo e um todo; pois assim definimos o todo: aquilo de que [10] nada está ausente, por exemplo, um homem é um todo, ou um cofre. Assim como o todo particular, também o todo em sentido próprio é aquilo além do qual nada há. Aquilo, porém, além do qual há algo ausente, seja o que for, não é um todo. O todo e o completo ou são inteiramente o mesmo ou de natureza próxima. E nada

do que não tenha fim (*télos*) é perfeito (*téleion*); e o fim é um [15] limite (*péras*). Por isso é preciso considerar que Parmênides falou melhor que Melisso, pois este diz que o todo é infinito, enquanto aquele que é finito “equidistante do centro”. Ligar o infinito ao universo e ao todo não é como “ligar um fio a um fio”⁸, pois alguns conferem a dignidade destes ao infinito, a saber, conter todas as coisas [20] e ter tudo em si, pelo fato de ter certa semelhança com o todo. Com efeito, o infinito é a matéria da completude da grandeza e o todo em potência, mas não em ato (*enéргеia*), divisível por subtração e, em sentido inverso, por adição, todo e finito não por si mesmo, mas por outro; e [25] não contém, mas é contido, enquanto infinito. Por isso é também incognoscível enquanto infinito; pois a matéria não tem forma (*eîdos*). Por conseguinte, é manifesto que o infinito está mais no conceito (*lógos*) de parte do que no de todo; pois a matéria é parte do todo, como o bronze, da estátua de bronze; com efeito, se o [30] grande e o pequeno fossem nas coisas sensíveis aquilo que as contém, deveriam conter também, nas inteligíveis, as inteligíveis. É absurdo, porém, e impossível que o incognoscível e indefinido contenha e defina.

7

De acordo com a razão (*lógos*), ocorre de parecer não haver infinito por adição, como o que ultrapassa toda [35] grandeza, mas por divisão há (pois a matéria [207b] e o infinito são contidos no interior, e a forma contém). Pensando bem, no número, há o limite para o mínimo, mas não para o máximo, que sempre ultrapassa toda quantidade; quanto às grandezas, é o contrário: é possível ultrapassar toda [5] grandeza em direção ao menor, mas, em direção ao maior, não há grandeza infinita. A causa é que o um é indivisível, o que quer que seja um (como “homem” é um homem, não muitos). O número, porém, é muitos “uns” e certas quantidades, de modo que é necessário se deter no indivisível (pois o três e o dois são nomes parônimos⁹, do mesmo modo que [10] cada um dos outros números). Em direção, porém, ao maior, sempre há como pensar um número maior, pois infinitas são as dicotomias da grandeza. Por conseguinte, trata-se de

⁸ Provérbio que significa “reunir coisas semelhantes”.

⁹ Assim como, em gramática, palavras parônimas são aquelas derivadas pela flexão de uma mesma raiz, como “saber”, “sábio” e “sabedoria”, assim também os números são derivações da unidade, como o dois é duas vezes um, o três, três vezes um, etc.

infinito em potência, não em ato (*enérgeia*), embora o que se tome sempre supere toda quantidade limitada. Mas este número não é separável [do processo da dicotomia], nem permanece sua infinidade, mas vem a ser, e assim [15] também o tempo e o número do tempo. Quanto às grandezas, é ao contrário: divide-se, pois, o contínuo em infinitos, em direção ao maior, porém, não há infinito. Com efeito, quanto é admissível ser em potência, tanto é admissível ser em ato (*enérgeia*). Por conseguinte, visto que não há nenhuma grandeza sensível infinita, não é admissível [20] ultrapassagem de toda grandeza limitada, pois nesse caso haveria algo maior que o céu. E o infinito não é o mesmo na grandeza, no movimento e no tempo, como se fosse certa natureza una, mas o posterior é dito segundo o anterior, como o movimento é dito infinito porque o é a grandeza pela qual algo é movido ou se altera ou aumenta, e o tempo é dito infinito por causa [25] do movimento. Por ora, usemos apenas estas indicações; posteriormente perguntar-nos-emos o que é cada uma e por que toda grandeza [27] é divisível em grandezas.

[27] Tampouco este raciocínio, negando de modo tal haver infinito que ele não se poderia percorrer em ato (*enérgeia*) na direção do aumento, priva os matemáticos de sua especulação, pois tampouco [30] eles precisam, de fato, do infinito (nem o utilizam), mas apenas de uma grandeza tão finita quanto queiram. E é possível que a maior das grandezas seja seccionada na mesma proporção (*lógos*) de qualquer outra grandeza, de modo que, relativamente ao demonstrar, não lhes fará a menor diferença (a hipótese do infinito), e, relativamente ao ser, (importam) as [34] grandezas que são de fato nos entes.

[34] E, visto que as causas são distintas de quatro modos, [35] é manifesto que o infinito é causa como matéria, que [208a] seu ser é privação, e que seu substrato por si é o contínuo sensível. E todos os outros também parecem utilizar o infinito como matéria; por isso é absurdo concebê-lo como o que contém e não como o que é contido.

8

[5] Resta percorrer os argumentos (*lógoi*) segundo os quais o infinito parece ser não apenas em potência, mas como algo distinto. Alguns deles não são necessários, a outros cabem certas refutações verdadeiras. Com efeito, não é necessário, para que o

vir-a-ser não se esgote, haver um corpo sensível em ato, pois é admissível haver [10] corrupção de uma coisa e geração de outra, enquanto o todo permanece finito. Ademais, “tocar” e “ter limite (ser finito)” são coisas diferentes. O primeiro é relativo a algo e de algo (pois tudo que toca toca algo), e é um acidente de alguma das coisas finitas, ao passo que o finito não é um relativo; nem é qualquer coisa que toca qualquer coisa ao acaso. E fiar-se no pensamento [15] é absurdo, pois o excesso e a falta não estão na coisa, mas no pensamento. Com efeito, alguém poderia pensar cada um de nós aumentando a si mesmo muitas vezes ao infinito, mas não por isso alguém transbordará [a cidade] ou será tão grande quanto nós somos, não porque alguém o pense, mas por ser de fato assim. Isto (pensá-lo) é acidental. [20] Enfim, o tempo e o movimento são infinitos, bem como o pensamento, sem que permaneça o que foi tomado. E a grandeza, nem por redução, nem por aumento no pensamento, é infinita. Fica dito, acerca do infinito, como é, como não é, e o que é.